

Ética Sapatrans: confluências e alianças por uma ética anti-CIStema

Julianna Paz Japiassu Motter¹

Resumo: Este ensaio busca aprofundar a discussão sobre uma Ética Sapatão (Motter, 2024), explorando a confluência como elemento essencial na resistência frente às ameaças aos direitos LGBTQIAPN+, especialmente de pessoas trans, e aos movimentos feministas. O trabalho dá continuidade à reflexão sobre formas éticas de vivência das lesbianidades e sapatônicas que acolham sujeitos não cis, ao mesmo tempo em que reafirma o compromisso com a construção de alianças e redes de solidariedade para imaginar e criar novos futuros.

Palavras-chave: Alianças. Ética sapatão. Ética sapatrans.

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporâneas (POSCOM) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), integrante do Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura (Gig@). Mestre em Direitos Humanos e Cidadania pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH) da Universidade de Brasília (UnB). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília (2015). Graduada em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora e professora voluntária do Núcleo de Estudos em Diversidade Sexual e de Gênero (Nedig) da Universidade de Brasília. Integrante do Grupo de Trabalho em Apropriação de tecnologias digitais e interseccionalidades da CLACSO. Desde 1/2022 é professora substituta na Universidade Federal da Bahia (UFBA), à frente das disciplinas Comunicação e Cultura Contemporânea e Jornalismo Integrado VI. Pesquisa lesbofobias algorítmicas, gêneros, sexualidades, lesbianidades, plataformização, redes sociais e ética relacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5464481602632629>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6735-2120>. E-mail: juliannamotter@gmail.com.

A tarefa é ajudar a produzir um mundo no qual possamos nos movimentar, respirar e amar sem medo da violência, com a esperança radical e irrealista de um mundo que não seja mais regido pelo sadismo moral disfarçado de moralidade (Butler, 2024, p. 32).

Este trabalho, de caráter ensaístico, tem a função de aprofundar a discussão sobre a proposta de construção de uma Ética Sapatão (Motter, 2024). Desta vez, indo além e assumindo a confluência, como aquele fenômeno que se dá a partir do encontro de dois cursos d'água diferentes, como uma parte fundamental na luta e resistência para o enfrentamento às ameaças aos direitos conquistados por pessoas LGBTQIAPN+, – especialmente pessoas trans* –, e por movimentos de mulheres e feministas, nos últimos anos.

Essas ameaças têm ocorrido a nível global e feito parte de uma agenda política que tem crescido e reverberado em diferentes países. Em *Quem tem medo do gênero?* (2024), Judith Butler tenta reconstruir o movimento de alastramento das políticas anti-gênero pelo mundo e suas consequências na perseguição aos direitos de mulheres e pessoas trans.* É possível observar essa crescente com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos² e sua perseguição a sujeites trans* e, também, com o aumento dos Projetos de Leis anti-LGBTQIAPN+ em todas as câmaras e assembleias do Brasil³. Esses eventos vêm na contramão dos direitos alcançados nos últimos anos – as cotas para pessoas trans*, casamento igualitário, dentre outros – e têm se manifestado como uma verdadeira caça às bruxas.

Um dos objetivos deste trabalho é, portanto, o de dar continuidade ao sentido de “urgência em construir formas éticas de condução das lesbianidades* e sapatônicas* que permitam um alargamento de sua dimensão identitária para reconhecimento e acolhimento de sujeites não cis” (Motter, 2024, p. 96). Outro objetivo, sem dúvidas, é o

² “Agora só existem dois gêneros: masculino e feminino”, diz Trump em discurso de posse”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/agora-so-existem-dois-generos-masculino-e-feminino-diz-trump-em-discurso-de-posse.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2025.

³ A Agência Diadorim faz um monitoramento dos Projetos de Lei sobre população LGBTQIAPN+ no Brasil através da plataforma Observatória. Segundo os dados da plataforma, 4 em cada 10 PLs anti-LGBTQIAPN+ afetam a população trans*. Disponível em: <https://observatoria.org/#PLsAnti>. Acesso em: 1 abr. 2024.

de reforçar o compromisso com a construção de alianças e com a perpetuação de redes de solidariedade que nos permitam fabular outros futuros.

Ainda, sobre o uso do asterisco, seguimos a provocação de Jack Halberstam (2023), em que o autor aponta para o uso de um termo guarda-chuva que funciona muito mais na tentativa de agregar do que de excluir. Assim, não caímos em uma discussão sobre “quem tem o gênero variável e quem tem o gênero fixo; o termo ‘trans*’ pressiona todas as formas de incorporação de gênero e se recusa a escolher entre formas identitárias e contingentes de identidade trans” (Halberstam, 2023, p. 23). Utilizamos esse mesmo recurso para buscar formas de contemplar as diferentes experiências e reivindicações a partir das lesbianidades* e sapatônicas*.

O compromisso é, portanto, de tentar fundamentar possibilidades de vida que não sejam totalmente pautadas pela violência. Quer dizer, de ao menos tentar fundamentar e vislumbrar possibilidades de vida que não se constituam em contraste às violências. Vidas que não apenas sobrevivam, mas que vivam em sua totalidade. O que se propõe, portanto, é a reiteração de uma política de enfrentamento e de uma trincheira que se opõem a esse projeto de cruzada anti-gênero que se alastra por diferentes territórios do globo.

Como mencionado anteriormente, essa cruzada anti-gênero tem se manifestado no desmonte dos parques direitos já conquistados pela população trans*, em nível global e local e em grande velocidade. Esse enfrentamento é fundamental por considerarmos que gênero é “um cenário psicossocial, uma forma pública de sonhar” (Butler, 2024, p. 20), ou seja, estamos enfrentando uma ameaça aos nossos direitos de sonhar em vida. É vital, assim, que tornemos nossos sonhos mais coletivos, buscando fomentar conspirações e confluências que nos permitam vislumbrar outros caminhos e futuros.

Na tentativa de refletir sobre algumas dessas questões, este trabalho está dividido em quatro seções, além desta breve introdução. A saber: 1. uma recuperação do que propusemos chamar de uma Ética Sapatão (Motter, 2024); 2. uma discussão sobre o que estamos chamando de confluências e alianças entre as trans*identidades, as lesbianidades* e sapatônicas*; 3. a proposição do que poderia vir a ser uma Ética Sapatrans para a formulação de uma política de enfrentamento ao CISTema (Leal, 2018); e, por último, 4. as considerações finais e apontamentos para outros e novos caminhos.

O que estávamos chamando de Ética Sapatão?

A primeira seção deste trabalho busca recuperar a base daquilo que se propunha como uma Ética Sapatão, avançando tanto para acompanhar a experiência corporificada da escrita, quanto para buscar outras formas de dar conta de lidar com os problemas que se apresentam, tal qual o que propõe uma ética da responsabilidade⁴ (Haraway, 2008; 2011; 2016a; 2019). Assim é que um dos elementos essenciais para a elaboração desse tipo de proposta ética é de que há uma vida corporal que não pode ser teorizada à distância (Butler, 2019, p. 10). Segundo, que uma abordagem verdadeiramente ética precisa estar disponível para responder aos desafios e questões que vão sendo colocados no desenrolar sócio-temporal.

É neste sentido que se torna não apenas importante, mas fundamental, afirmar como todo trabalho acadêmico passa por um corpo. E não se trata somente de um posicionamento ético-epistemológico. Aliás, é fundamental explicar que encaramos, sobretudo, como um posicionamento ético, ainda que, em maior ou menor medida, ele acabe revelando, também, uma perspectiva epistemológica. No momento em que esse corpo deixa de ser abstraído da pesquisa e passa a ser colocado como um ponto de partida e de atravessamento, o saber acaba sendo inequivocamente localizado, da maneira como propõe Donna Haraway (1995). O saber que se pretende produzir aqui é, portanto, um saber que se sabe e, além disso, se admite como um saber situado.

Falamos, portanto, de um lugar epistemológico que se recusa a caber em moldes teóricos, analíticos e metodológicos pré-estabelecidos por uma cisheteronorma que não se desloca de suas aparentes certezas para fazer um real acompanhamento dos fenômenos. E que, também, não se destitui de uma expectativa de linearidade e sequencialidade para enfrentar os antagonismos que são próprios do desenrolar histórico-social. Torna-se importante registrar que nosso compromisso não é, de forma alguma, com o encerramento

⁴ O conceito aparece em Haraway (2011; 2016), na verdade, enquanto *respons-ability*, em inglês, mas é traduzido aqui enquanto responsabilidade, respeitando a presença do hífen como uma estratégia de destaque da relevância etimológica da palavra “responsabilidade”, que tem origem semelhante aos termos *response*, em inglês, e “reposta/responder”, em português. A menção a uma ética da responsabilidade é uma interpretação a partir de obras da autora.

e nem com a clausura: as contribuições teóricas, conceituais e, principalmente, éticas propostas aqui devem passar por processos de revisão contínua.

Isso torna imprescindível, portanto, que se apresente o corpo do qual emerge essa discussão. Escrevo a partir de um corpo ainda-sapatão. Isso significa dizer, primeiro, que não escrevo a partir de um corpo lésbico, embora lésbico e sapatão possam ser acionados enquanto termos sinonímicos em certos contextos. E, em segundo lugar, que um corpo ainda-sapatão tem sido também uma plataforma de diferentes processos de (re)produção de sentidos e imaginários sobre as lesbianidades* e sapatônicas* e sobre a diversidade de gênero e sexualidade. Isso representa, ao mesmo tempo, uma necessidade de resgatar os sentidos formulados historicamente sobre quem podem ser a lésbicas* e as sapatonas*, mas simultaneamente, de tentar atravessar as diferentes formas que essas identidades e identificações têm sido moldadas a partir e através de múltiplas plataformas – sejam elas digitais ou corporais. Um corpo ainda-sapatão é um corpo que mesmo diante das transformações – e transições – assume que é composto pelos diferentes espaços que esse corpo ocupou no mundo, e os diferentes espaços que o mundo ocupou em seu corpo.

Assim, parece impossível debater lesbianidades* e sapatônicas* sem passar por uma discussão que atravessa algumas das questões importantes sobre identidades e sobre a dissolução das fronteiras que sustentam a lógica identitária de nossas sociedades. Isso deve servir para incentivar uma ampliação dos nossos horizontes teóricos, de militância e, sobretudo, éticos. Isso só nos parece alcançável a partir de uma discussão mais ampla sobre essas formas de identificação, no esforço de contemplar sujeitos que se interessam pelas fronteiras e pelas composições, mas também sujeitos que desejam fornecer outras territorialidades para seus corpos, acompanhando um tipo de devir que é menos rígido diante da matriz de inteligibilidade que o sistema sexo-gênero-sexualidade nos apresenta continuamente. Isso por entendermos, inclusive, que:

Na língua portuguesa o verbo estar nos auxilia na árdua tarefa de desestabilização dos sujeitos e suas identidades, nos permitindo pensar para além de uma permanência absoluta do ser [...] É o estar que me parece possibilitar a passagem de um ser a um devir. Estar em constante

movimento, devir um corpo marcado e remarcado, transitar (Barretos, 2021, p. 27).

É devido a esse estado de trânsito – que, em alguns sentidos, se demonstra como um estado permanente – que consideramos que seja necessário retornar aos conceitos que utilizamos. Primeiro, para verificar se ainda faz sentido para a realidade que estamos tentando explicar, para a perspectiva que estamos considerando e para as realidades que queremos fomentar. E segundo, para dar conta desse devir-sujeite que é muito mais complexo do que algumas teorias fazem parecer.

É dessa forma que consideramos o devir como algo essencial para a sobrevivência humana, sobrevivência essa que se dá em um processo complexo e difuso que envolve a vida social, a percepção de sujeitos que nos rodeiam, nosso reconhecimento social ou não, mas também as diferentes topografias que compõem nossas subjetividades, a autopercepção e os processos de descobertas de si, dentre outras centenas de coisas que colocam sujeitos em processos contínuos de mudança e adaptação. Esse é um ponto essencial para a discussão, visto que nos interessa compreender também como

as experiências dos sujeitos são imbuídas de significados, e é no processo de constituição de significação acerca dessas experiências que os sujeitos produzem identificações, constroem subjetividades, elaboram compreensões sobre o Outro, atuam na sociedade (Barretos, 2021, p. 32).

Nomear não é apenas uma tentativa de dar significados para algo, mas também de dar materialidade. Entendemos que discursivamente lésbicas* e sapatões* foram construídas enquanto mulheres que se relacionam sexo-afetivamente com mulheres. No entanto, essa conceituação tem sido revista nos últimos anos, com a emergência de outras formas de ainda – ou permanentemente – reivindicar-se nas lesbianidades* e sapatonices* mesmo que não haja essa identificação com o ser-mulher. A essas formas de se identificar, chamamos de lesbianidades e sapatonices não-cisgêneras (Motter, 2024), porque englobam tanto pessoas que se reivindicam nas transidentidades* – homens trans, pessoas transmasculinas, não-binárias e intersexo, sob a sigla HTTMNBI+, como propõe Ian

Habib⁵ (2024), como mulheres trans que se identificam como lésbicas ou sapatonas –, quanto pessoas que enxergam as sapatônicas* e termos correlatos como identidades de gênero outras que não a identificação com ser mulher cis.

Essa parte não-cisgênera da comunidade não somente existe, como tem cada vez mais reivindicado um espaço de reconhecimento, conforme nos demonstram os dados do relatório da *1ª etapa do LesboCenso: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil* (Tagliamento; Brunetto; Almeida, 2022). De um total de 19.455 respondentes, 6,31% se reivindicaram não-binárias, 1,17% como agênero, 1,07% como trans e 26,40% como sapatão – que abre para questões como sapatão enquanto uma identidade de gênero. Nos interessa, portanto, o reconhecimento dessa parte da população, além do fato de que esses achados apontam uma diversidade de formas de identificação e de experiências que exigem nossa atenção e reconhecimento.

Uma identidade, em específico, nos interessa debater mais detidamente, que é a sapatão não-binária, que tem sido alvo de diferentes disputas discursivas e identitárias no Brasil contemporâneo, como demonstra Dri Azevedo (2023) ao buscar a insurgência do termo e da identidade no país. Essas disputas ocorrem mediadas pelas tensões que essa forma de se identificar suscita no movimento de lésbicas* e sapatônicas*, e no movimento LGBTQIAPN+ como um todo, pois ambos se veem institucionalmente acomodados às divisões binárias e dependentes de justificativas biológicas.

No entanto, dados como o do LesboCenso mencionados acima, ou mesmo a reivindicação de sujeitos em torno dessa forma de identificação, têm feito com que os movimentos e espaços se sintam pressionados a se repensar a partir dessas distintas maneiras de identificar-se. Podemos citar, por exemplo, o Bloco de Carnaval Siga Bem Caminhoneira que, recentemente, mudou o nome em seu perfil no Instagram para “Siga Bem Caminhoneira/e/o”⁶ no esforço de contemplar outras pessoas que reivindicam lugar nas lesbianidades* e sapatônicas*.

⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DB9foS1BM8L/?igsh=MTU1OGxuMDdyMmRuYWw=&utm_source=ig_embed. Acesso em: 18 mar. 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/sigabemcaminhoneira/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

Esse tipo de disputa, tanto discursiva quanto identitária, nos parece escoar em pelo menos dois movimentos distintos: um de caráter mais otimista, que passa por uma revisão na dependência das categorias cisheteronormativas – dependentes de justificativas biológicas e binárias – das quais esses movimentos e organizações têm dependido. Esse movimento pode ser exemplificado pelo caso do Siga Bem Caminhoneira. E um outro movimento, de caráter transfóbico e transexcludente, comumente encabeçado pelas TERFs – Feministas Radicais Trans-Excludentes, que busca fomentar uma lógica essencialista de quem pode vir a ser a lésbica e/ou a sapatão e que trabalha em rede para excluir qualquer opinião divergente, muitas vezes sob a justificativa de lesbocentrar.⁷

Assim é que, quando alguém se reivindica sapatão ou sapatrans não-binária, essa pessoa está reivindicando, de modo geral, uma experiência de sapatonicidade que não se enquadra e/ou não se estabiliza a partir da mulheridade – no sentido da imediata vinculação com o ser-mulher – e, sobretudo, que essa reivindicação se realiza mesmo desvinculada da cisgeneridade. Importante destacar que diferentes controvérsias em torno das não-binariedades* e das transidentidades* têm surgido nos últimos anos, no entanto, consideramos a não-binariedade como uma das diferentes formas de identificação dentro das transidentidades*. Aliás, acreditamos que as não-binariedades* precisam, cada vez mais, ser posicionadas assim.

Assim é que a emergência da identidade sapatão não binária (Azevedo, 2023), por exemplo, tem sua gênese bastante atrelada aos usos e às apropriações a partir das plataformas de redes sociais. Isso não quer dizer que essa identidade não existisse antes, porque sua existência provavelmente antecipa a própria nomeação, mas que as plataformas acabam fornecendo certas condições de possibilidade que são essenciais para essa tessitura, que envolve, por exemplo: a troca entre pares, um protagonismo das identidades na forma de se apresentar nessas redes sociais, as coletividades etc. Assim,

⁷ Recomenda-se a leitura do artigo MOTTER, J. P. J.; COELHO, A. P. P.; GONCALVES, B. B. Lesbocentrar ou alimentar privilégios? Como redes lésbicas feministas radicais se movimentam no Twitter diante de controvérsias. In: FERREIRA, Rubens da Silva; ALMEIDA, Luiz Fernando Correia de; ALMEIDA, Rita de Cássia Viana de (org.). **Conectando saberes: gênero, tecnologia e informação na era digital.** 2024, v. 1. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/items/b212a874-61ba-48cf-af00-7d7f63e8c577/full>. Acesso em: 2 abr. 2025.

essa forma de identificação passa a surgir com frequência em páginas de influenciadoras e usuárias, como uma demanda a ser incorporada tanto pelos movimentos e organizações lésbicas e sapatões, quanto pelos movimentos que discutem identidades não cisgêneras e o movimento LGBTQIAPN+ como um todo.

Esse é um exemplo de como as discussões que buscam aproximar as lesbianidades* e sapatônicas* das transidentidades* pautam as temáticas de diferentes páginas no Instagram, como conteúdos informativos ou a partir de abordagens poéticas e artísticas sobre essas intersecções, a exemplo de artistas da palavra como @formigaoreal⁸ e @mugraitakaru.⁹ Cada vez mais, vem se consolidando um movimento que não pensa apenas a existência de mulheres trans e travestis que se reconhecem nas lesbianidades* e sapatônicas*, mas o reconhecimento de formas de radicalização das lesbianidades* e sapatônicas* que permitem se ver impressas nas transmasculinidades e nas não-binariedades* e em outras dissidências de gênero.

Essas perspectivas possibilitam outras/novas formas de conceber os corpos enquanto composições, enquanto corpos-ainda, enquanto corpos-em-devir-com, reivindicando a existência de diferentes formas não cisgêneras de viver e demandar o ser e estar ainda-lésbica e/ou sapatão. Ocorre também que essas confluências apontam para o fato de que:

Tudo o que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis (Hall, 2006, p. 41).

Esse antes e depois é importante, também, na medida em que iniciamos essa seção enunciando que as reflexões teóricas propostas aqui partem de um corpo ainda-sapatão. Meu corpo trans, portanto, não deixou de ser um corpo sapatão e nem deixará. Assumo o

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/formigao.real/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/mugraitakaru/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

lugar de um corpo ainda-sapatão porque as histórias não devem ser lineares, especialmente não em um sentido de que o tempo que passa é também o abandono do que passou. Nossas formas de identificação também passam por um processo de composição. Ou seja, é possível se assumir um corpo trans, um corpo em transição de fato, mas que se recusa a abandonar esse devir-sapatão que o constituiu e seguirá constituindo.

Isso se dá tanto do ponto de vista da formulação da minha subjetividade e socialização, mas também por entender que há uma disputa em torno de quem pode estar e assumir esses lugares. Em um mundo pautado por definições supostamente biológicas que sustentam estruturas binárias, é importante contar histórias trans sobre as sapatônicas* e lesbianidades* e contar histórias sapatônicas sobre as transidentidades*. E nos parece também que, em todos os casos, “uma coisa é certa, o corpo humano é o ator principal de todas as utopias” (Foucault, 2013, p. 12). Assim, que nossos corpos tornem, portanto, nossas utopias possíveis.

Confluências e alianças entre transidentidades* e sapatônicas*

Como mestiza, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a queer em mim existe em todas as raças). Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; **entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta.** *Soy un amasamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados (Anzaldúa, 1987, p. 80-81, grifos nossos).

Em concordância com Gloria Anzaldúa, às vezes tudo o que precisamos é contar novas histórias para explicar o mundo e para contar ao mundo sobre nossa participação

nele. Se é verdade que a história transmasculina* também é a história sapatão* e que a história sapatão* também é a história transmasculina*¹⁰ – podendo ir além, e substituir transmasculina por trans* – é preciso encontrar novas formas de contar essas histórias para torná-las uma alternativa viável para o fortalecimento desses grupos.

Assim é que, a confluência, como o encontro de dois cursos d’água diferentes, toma outra dimensão a partir do que propõe Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo (2023). Um simples fenômeno da natureza se torna uma forma de pensar sobre outras possibilidades de coexistência em nossas sociedades, em que dois rios diferentes podem – e devem – se encontrar sem perder suas características. Para Nêgo Bispo, um rio não deixará de ser um rio ou deixar de ser o rio que é porque encontra com outro, mas sim vai passar a ser ele mesmo e o(s) outro(s) que encontrar. Esse encontro resulta em um fortalecimento ou em uma potencialização, justamente porque “a confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia” (Bispo, 2023, p. 5).

Uma confluência, portanto, entre as transidentidades* e as sapatônicas* parte do pressuposto de que esse encontro não tem como finalidade mascarar as diferenças, mas assumi-las como um ponto de partida para fomentar uma política de alianças. Essas políticas de alianças, propostas por autoras como Audre Lorde (2019), Donna Haraway (2016b, 2019) e Gloria Anzaldúa (1987) para citar algumas, partem da premissa de que um reconhecimento das diferenças é essencial para se construir um dissenso que seja verdadeiramente revolucionário – ou seja, que sirva para, de fato, mudar a chave de funcionamento do mundo que conhecemos hoje, como provoca Paco Vidarte (2019).

Partimos da concepção, portanto, de que “não são nossas diferenças que nos dividem, mas a incapacidade de reconhecê-las, aceitá-las e celebrá-las” (Lorde, 2019, p. 142). E que entre pessoas trans* e as lesbianidades* e sapatônicas* deveríamos partir da percepção de que “solidariedade é a base afinal quando nos matam não perguntam pra noiz se se é kaminhoneira boyceta ou NB é tudo misoginia então sim também feminismo é importante pra noiz”¹¹ (Formigão, 2025).

¹⁰ Referência aos lambe-lambes da coletiva @velcrochoque. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4GiQynPAL5/?igsh=bmxjbmloZThzY310>. Acesso em 24 mar. 2025.

¹¹ @FORMIGAO.REAL. Instagram, 3 abr. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DH_dtZdO6cl/. Acesso em: 3 abr. 2025.

Não se trata, no entanto, de fazer uma retomada dessas histórias e buscar exatamente em quais momentos essas formas de reivindicar corpos e identidades se encontram ou em quais momentos elas se separam, mas de construir uma narrativa que argumente a favor dessa aproximação. Visto que a concepção de ética que acreditamos ser necessária assume o papel de uma dinâmica de relação entre sujeitos – que pressupõe, para isso, um reconhecimento da validade e relevância de suas existências, independente de uma posição social pré-estabelecida e, inclusive, como estratégia para confrontar essa posição. Uma relação que exige responsabilidade (Haraway, 2008; 2011; 2016a; 2019) com a vulnerabilidade (Butler, 2019), com a diferença e, sobretudo, com o devir.

Para Paul Preciado (2022), estamos vivendo um momento de negação do mundo e de seus sentidos. Isso nos abre uma oportunidade de revisão de muitas formas de assentar-se sobre o mundo. Preciado (2022) acredita que a alma tem sido fruto de investigações, já tendo sido referenciada como a mente, a psiqué, a consciência e várias outras formas que não respondem ao fato principal: o que nos interessa é que se trata de um processo, de um devir que, nas sociedades modernas, tem sido compartimentalizada para caber em uma identidade. Ocorre que algumas encontram outras formas de escoar ou de se moldar – ou até mesmo de desejar não caber.

Preciado (2022) critica a naturalização das identidades, esse caráter de verdade ontológica fundamentado em uma dimensão de separação, fronteira, que elas passam a ter em nossas sociedades. Fenômeno que passa a ser estimulado, inclusive, pelas instituições – na medida em que são assimiladas. E propõe, para além do conceito, que adotemos uma outra abordagem, a de nos tornarmos “simbiontes políticos” (Preciado, 2022), pegando emprestado o termo da biologia, que se refere a seres interdependentes.

Essa noção dialoga com a elaboração de Donna Haraway sobre a ética da responsabilidade, que tem a ver com a capacidade de cultivar um fazer-se e saber-se coletivo. Essa organização, que ela chama de *sympoiesis*, trata fundamentalmente de um fazer-com, tornar-se-com e tornar-se-capazes mutuamente (Haraway, 2026b). Seu objetivo é contrariar a ideia de que sujeitos e objetos, sejam humanos e não-humanos, existam ou possam existir de maneira pré-concebida. Da mesma maneira, para a filósofa,

as coisas só podem existir a partir das relações que as coisas (r)estabelecem entre si (Haraway, 2011; 2016a; 2016b; 2019).

Nada faz a si mesmo; nada é realmente autopoietico ou auto-organizador. Sympoiesis é uma palavra própria para sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos. É uma palavra para tornar-mundo-com, em companhia. Sympoiesis envolve a autopoiesis e generativamente a desdobra e a estende (Haraway, 2016b, p. 58).

Preciado diz que esses “simbiontes políticos não são identidades, são mutantes relacionais” (2022, p.60, tradução nossa). O que ambos propõem, a partir disso, é que se assumam uma relação ética relacional, baseada no reconhecimento das diferenças e no fortalecimento coletivo. Para o autor, pessoas trans* têm sido ameaçadas e perseguidas por representarem um ataque ao sentido comum, ao convencional em nossas sociedades. Diante desses ataques, que também afetam lésbicas* e sapatões*, como reforça Formigão (2025) ao afirmar que a misoginia ataca a todes nós sem muito interessar as maneiras como nos nomeamos, nos resta tentar encontrar “a brecha epistemológica e política, a tensão entre as forças emancipadoras e as resistências conservadoras que caracterizam nosso presente” (Preciado, 2022, p. 21).

O que pode vir a ser uma Ética Sapatrans?

“Não será possível sobreviver sem contar nossa própria história de outro modo. Sem sonhar de outro modo” (Preciado, 2022, p.63, tradução nossa). Precisamos encontrar outras formas de explicar o mundo. Localizar os saberes (Haraway, 1995) significa subverter, também, a lógica hierarquizadora do mundo ocidental, que se reproduz na forma como lemos os corpos e na forma como lemos o mundo (Oyèwùmí, 2017). A ética que propomos aqui é uma dinâmica relacional entre sujeitos, baseada no reconhecimento da validade e relevância de suas existências. Esse reconhecimento deve ocorrer independentemente de posições sociais pré-estabelecidas e pode, inclusive, servir como estratégia para questionar e confrontar essas hierarquias: uma Ética Sapatrans é uma ética

do encontro, baseada nos pressupostos da responsabilidade (Haraway, 2011; 2016b), enquanto a nossa capacidade de responder aos desafios e questões que estão sendo colocadas.

Uma ética que se posiciona ciente de que a cumplicidade discriminatória que estabelecemos entre nós é fundamental para a manutenção deste sistema de opressão. Porque vivemos em um contexto de violência sistêmica e, ao reproduzirmos discriminações e violências, perpetuamos essa lógica. Quanto mais a reforçamos, menos contribuimos para o fim das violências contra nós mesmos. Para a estrutura patriarcal, racista, capacitista, LGBTQIAPN+fóbica e colonial, não interessa tanto como decidimos nos nomear em vida e nem como nos nomear em morte.

María Lugones (2014; 2020) reforça a importância de reconhecer e resistir às múltiplas formas de opressão, promovendo coalizões e práticas de resistência que valorizam as diferenças. Reconhecer que nossas palavras não cabem mais para explicar o mundo e que alargá-las é fundamental para que reconheçamos que um outro futuro é possível. Afinal, “uma dessas palavras que é preciso recuperar é solidariedade. Eu estou tentando recuperar a ética e transformá-la em uma arma de arremesso [...], em vez de uma mordada ou uma camisa de força que a ética sempre supôs para nós” (Vidarte, 2019, p. 155).

Caminhos ainda porvir

Se partimos do pressuposto de que imaginar é a condição primária para que algo possa vir a ser (Hooks, 2020), isso significa que imaginar já é promover algum tipo de mudança. Portanto, se imaginamos uma Ética Sapatrans, que se coloca como uma trincheira contra os avanços do CIS-tema, já temos um caminho possível para promover mudanças e deslocamentos aptos a acompanhar o devir-sujeite. Ou melhor, o devir-simbionte político (Preciado, 2022), reconhecendo a potência da interdependência.

A hipótese revolução, de Preciado (2022), que seria algo como esse dissenso revolucionário a partir do estabelecimento dessas relações, afirma que precisamos “perceber, sentir e nomear de outro modo. Conhecer de outro modo. Amar de outro modo.

[...] é preciso mudar todos os nomes de todas as coisas” (Preciado, 2022, p.56, tradução nossa). E da mesma forma como nossos corpos são a utopia possível (Foucault, 2013), juntas podemos assumir que não somos apenas testemunhas diante do que está acontecendo, porque “somos o corpo através do qual a mudança chega e se instala” (Preciado, 2022, p. 62, tradução nossa).

Esse texto tem a intenção de acender uma fagulha, buscar outra forma de acionar a corrente (Vidarte, 2019) e abrir para outras reflexões, além da elaboração de estratégias práticas que possam promover essa aproximação – já existente – entre essas histórias e nossos futuros em confluência.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

AZEVEDO, Dri. A emergência do termo ‘sapatão-não-binário’ como disputa discursiva no Brasil contemporâneo. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-emergencia-do-termo-sapatao-nao-binario-como-disputa-discursiva-no-brasil-contemporaneo>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BARRETOS, Dayane do Carmo. **O que resta ao corpo: disputas de sentido em textualidades sobre assassinatos de travestis e transexuais**. 2022. 248 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45647>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BISPO, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo de gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

HALBERSTAM, Jack. **Trans: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero**. São Paulo: Editora Devires, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-42, 1995.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

HARAWAY, Donna. **The companion species manifesto: Dog, Peoples and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, Donna. **The Haraway reader**. New York: Routledge, 2004.

HARAWAY, Donna. **When species meet**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100002>. Acesso em: 9 abr. 2025.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica – Pesquisa, Jornalismo e Arte**, ano 3, n. 5, 2016a.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016b.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema**. Generar parentesco en el Chthuluceno. Bilbao: Consonni, 2019.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020b.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: Ensaios e Conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb>. Acesso em: 9 abr. 2025.

MOTTER, Julianna Paz Japiassu. Lesbianidades, sapatônicas e plataformas digitais no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, v. 33, n. 1, 2025. DOI: DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2025v33n1104264>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/104264>. Acesso em: 2 abr. 2025.

OYËWUMÍ. Oyèrónké. **The invention of women: making an African sense of Western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2022.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

TAGLIAMENTO, Grazielle; BRUNETTO, Dayana; ALMEIDA, Raquel. **LesboCenso Nacional: Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil – Relatório Descritivo 1ª Etapa (2021-2022)**, 2022.

Sapatrans ethics: confluences and alliances for an anti-CIStem ethics

Abstract: This essay seeks to deepen the discussion on a Sapatão Ethics (Motter, 2024), exploring *confluence* as an essential element of resistance in the face of threats to LGBTQIAPN+ rights – especially those of trans people – and to women's movements. The work continues the reflection on ethical ways of living lesbianities and sapatônicas that embrace non-cis subjects, while also reaffirming a commitment to building alliances and networks of solidarity to imagine and create new futures.

Keywords: Alliances. Sapatão Ethics. Sapatrans Ethics.

Recebido: 30/05/2025

Aceito: 13/01/2026